

Faces de um profeta: Análise da produção visual do Monge José Maria

Levi Quimera Virissimo, FAED, Udesc

Rogério Rosa Rodrigues, FAED, Udesc

A Guerra Santa do Contestado (1912–1916) é um marco altamente relevante para a história de Santa Catarina, gerando uma vasta produção narrativa sobre seus cenários, conflitos, religiosidade e personagens. Esta investigação busca compreender e problematizar as representações artísticas do monge José Maria, bem como as perspectivas produzidas sobre ele ao longo do tempo. Na tradição religiosa cabocla, os devotos não diferenciavam os monges, que cumpriam funções semelhantes — como benzer, batizar, aconselhar e curar —, sem aceitar dinheiro e dormindo ao relento perto de fontes de água. Essa indiferenciação suspende a historicidade e funde trajetórias distintas em uma única figura sagrada e atemporal. Por outro lado, a historiografia tratou de individualizar os monges, destacando João Maria de Agostinho, João Maria de Jesus e José Maria. Este último foi classificado por pesquisadores, militares e imprensa como um "impostor" que se aproveitou do prestígio de seus predecessores, sendo responsabilizado por conduzir o povo ao conflito armado na Batalha do Irani em outubro de 1912. Diante da tensão entre a indiferenciação devocional e a individualização historiográfica, a pesquisa busca responder se os artistas contemporâneos diferenciam o monge José Maria dos demais e como o representam visualmente.



O Místico Monge João Maria, de Willy Zumblick (1982).

A metodologia consistiu em um levantamento da produção visual sobre o monge José Maria na Guerra do Contestado, associado à leitura dialogada de livros, artigos e teses catalogados na plataforma Zotero. O mapeamento iconográfico abrangeu publicações impressas e digitais, contemplando pintura, desenho, escultura e histórias em quadrinhos para captar a diversidade de suportes da imagem do monge. Foram selecionados quadros de Carlos Roberto Zumblick, Hassis (Hiedy de Assis Corrêa) e Dea Catharina Reichmann, além das histórias em quadrinhos "A Saga do Contestado" (2012), de Eleutério Nicolau da Conceição, e "Era uma Vez no Contestado" (2024), de André Caliman. A escolha das obras permitiu identificar a temporalidade das representações e confrontá-las com as análises historiográficas sobre a trajetória de José Maria. O estudo também se apoiou nos levantamentos metodológicos e registros biográficos realizados previamente por Rita Peixe (2012) e Valentini (2018).



CONCEIÇÃO, Eleutério Nicolau da. A saga do Contestado. 2012.

A análise da produção visual revela múltiplas facetas de José Maria. Nas telas de Hassis, ele surge confiante como conselheiro e líder popular; em Reichmann, destaca-se seu aspecto de profeta orador em tons melancólicos. Já o papel de monge-soldado e conselheiro militar aparece em obras de Zumblick e Reichmann. Esses elementos representam diretamente José Maria, reforçando a associação historiográfica de líder do conflito armado. Por fim, o confronto das imagens com a historiografia revela uma nítida ambivalência: enquanto os textos históricos marcam José Maria sob desconfiança como impostor, a produção artística (especialmente as HQs) suaviza a sua figura, reaproximando-o da devoção popular em que ele é apenas mais uma face da santidade indiferenciada do monge do Contestado.